

## COMO TUDO COMEÇOU OU “RELATO DE UM PERCURSO”

*“Trata-se de pensar a etnografia como o relato de  
uma experiência conflituosa de um observador,  
condição para o entendimento do que foi  
observado”*

*Helio Silva*

Pressupostos, conceitos, hipóteses, metodologia e tantos outros elementos que compõem uma etnografia parecem, por vezes, para o leitor, de fácil consecução. É como se houvesse uma magia intrínseca ao próprio texto que determinasse o rumo das coisas até o glorioso destino final. Essa magia, no entanto, deixa de ser tão espontânea assim ao se deixar o lugar do leitor e assumir o do etnógrafo.

O glorioso destino final é acompanhado por um caminho turvo e repleto de obstáculos. E é justamente esse caminho que dá tom e cor à chegada. Angústias, dúvidas, pressupostos refutados, hipóteses não comprovadas, questões próprias, experiências, tudo isso o pesquisador leva consigo quando vai a campo e nada disso se descola do produto final do seu trabalho. É sobre este percurso, gris e matizado, que me deterei por hora.

O meu primeiro contato com pesquisa nasceu da necessidade ordinária de se realizar o trabalho monográfico. Nesta ocasião, cursava História na UFRJ e como todo trabalho historiográfico, a minha inquietação, não poderia ser diferente, partiu de uma preocupação presente: o movimento organizado de prostitutas que lutam pela não vitimização da sua atividade. Essas organizações, que possuem representantes por todo mundo, têm como objetivo, entre outros, a positivação do estigma e a recuperação do caráter agente dessas mulheres na escolha de sua atividade. O discurso da opção, então, se torna crucial para compreender essas trajetórias como uma escolha, dentre tantas outras, para a manutenção material da existência. Nesta circunstância, a figura de Gabriela Leite e da ONG DaVida foram emblemáticas.

Neste contexto, me interessava saber as representações que as prostitutas do início do século XX, situadas no Rio de Janeiro, faziam da sua atividade. Através de processos criminais e algumas cartas trocadas entre prostitutas e seus possíveis cafténs,

pude reconstruir alguns feixes de realidade e trajetórias dessas mulheres. Apesar de não haver, na época, um movimento organizado de prostitutas, muitas mulheres levantaram a bandeira da prostituição como opção para sua própria manutenção e/ou para a manutenção do casal.

Passado o tempo, o interesse em continuar pesquisando se tornava cada vez mais latente. Mas, a História já não causava tanto brilho aos olhos como outrora. Foi quando, então, interessada na atualidade, optei pelas Ciências Sociais. No entanto, um problema veio à tona: o que pesquisar?

Em conversas com os amigos, nas mesas de bar, na observação do cotidiano pude notar que o comportamento masculino tendia à construção de uma identidade masculina que partia do falo em negação às nádegas. Ao me deparar com o lindo texto de Roberto DaMatta, “Tem pente aí?”, tive, então, o aparato conceitual de que necessitava para prosseguir.

Uma vez ingressa no mestrado, o empenho em examinar a construção da identidade masculina permaneceu, mas a ele se acoplou o interesse, sempre presente, pela prostituição feminina. Em uma dessas conversas indispensáveis e sempre bem-vindas com minha orientadora Sônia, surgiu, então, por sugestão dela a ideia de direcionar foco aos homens que se relacionam sexualmente com prostitutas. Aliviada e contente, parecia que os problemas todos tinham se extinguido. Mal sabia eu que eles sequer haviam se iniciado, que tudo ainda estava por ser feito.

## 2.1

### **A Sexualidade feminina no século passado**

O final do século XIX e início do XX são apontados, com razão, como marcos fundamentais para a construção e divulgação de um ideal de mulher que atendia às exigências da família nuclear burguesa e às necessidades de controle do corpo fabril e social, indispensável para a estruturação e manutenção do Estado burguês (Soihet, 1989; Esteves, 1989; Ottoni, 2007; Rago, 1985; Engel, 1989).

Neste contexto, a análise dos discursos médicos e científicos elaborados nesta época se torna relevante uma vez que estes exerceram um grande peso e desempenharam um papel fundamental na construção e disseminação de um modelo

ideal de mulher. A difusão de ideias da mulher como naturalmente submissa e inferior ao homem, frígida, assexuada, protótipo mãe/ esposa/ dona-de-casa, além da consagração do casamento como espaço institucionalizado para prática sexual com fins exclusivamente de procriação, assim como o prazer como algo associado ao pecado foram fundamentais para a produção de uma sexualidade feminina castrada, em que qualquer sinal de desvio das normas então instituídas se revertia em condenação social.

Lombroso e Ferrero, teóricos evolucionistas de fins do século XIX e início do XX, buscaram, em seus estudos, demonstrar a inferioridade feminina a partir de caracteres biológicos (Lombroso e Ferrero, 1896 apud Soihet, 1989, p. 81-113). Dentre as características apresentadas por estes para definir a mulher, podemos destacar a inferioridade em relação ao homem, menor sensibilidade, fraqueza, frieza sexual, senso moral deficiente e inteligência limitada. A menor sensibilidade feminina se estenderia a outros âmbitos como o moral e o intelectual.

No que tange à sexualidade feminina, os autores defendem que na mulher o papel de mãe seria mais importante do que o de amante, uma vez que toda a organização biológica e psicológica da mulher estaria subordinada à maternidade. Neste mesmo sentido, o discurso médico define a mulher higienizada como sendo aquela restrita ao lar e dedicada ao marido e filhos. Observa-se, então, a construção de um modelo de mulher assexuado, que deve ter sua realização de vida encerrada na constituição familiar e no seu bom funcionamento. O amor feminino seria uma função subordinada à maternidade e não teria nenhuma relação com a sexualidade, ao contrário, seria uma forma de devoção de um ser inferior para com um superior.

Lombroso e Ferrero afirmam, ainda, a inexistência de lealdade entre as mulheres, visto que a regra de sua convivência pautava-se no ciúme e na inveja, originários da luta sexual pelo homem. Observa-se que de acordo com as teorias em questão os homens seriam seres superiores em tudo.

Os autores defendem que a mulher, ao contrário do homem, conceberia a sua honra apenas em termos sexuais. Além disto, atribui a sua baixa inteligência à ausência de qualquer faculdade criadora. O estado em que a mulher é apresentada, em fins do século XIX e início do XX, é fruto, como sabemos, das condições sociais a que eram submetidas. No entanto, descartando qualquer análise a respeito do processo histórico-social, os autores inscrevem as características apresentadas pelas mulheres no campo da biologia.

As mulheres que fogem aos padrões “cientificamente” definidos para o sexo, denotando erotismo, sensibilidade sexual e inteligência, seriam extremamente perigosas, se constituindo nas criminosas e prostitutas natas. Tais mulheres seriam definidas a partir da sua incapacidade para as funções maternas, além de apresentarem grande energia e coragem, visto que pertenceriam psicologicamente mais ao sexo masculino do que ao feminino.

Qualquer mulher que quebrasse o padrão a ela atribuído, como frieza sexual, recato, submissão e dependência, era considerada degenerada e perigosa. Seria, então, vista como inapta para a maternidade, único fator capaz de neutralizar os traços negativos próprios do comportamento feminino.

Mesmo as mulheres consideradas normais apresentariam perversidade e uma imoralidade latente. A mulher, assim, era vista como um ser perigoso, histérico, amoral e potencialmente criminoso.

Dessa forma, Lombroso e Ferreiro além de desenvolverem uma visão altamente preconceituosa sobre a mulher, contribuíram para legitimar a inferioridade feminina, atribuindo a ela um caráter natural, comprovado através de supostas teorias científicas.

Observa-se que comportamentos socialmente construídos são tomados como naturalmente existentes, o que, neste momento, se torna fundamental para a introjeção do mito da inferioridade, passividade e ausência de desejo sexual feminino. Sobre o assunto Heilborn afirma que “por certos mecanismos ideológicos, a função feminina, determinada pela especialização biológica dos corpos, tende a ser estendida a outros campos. O seu caráter prioritariamente natural é transportado para outras atribuições culturais destinadas ao sexo feminino (Heilborn, 1990 apud Goldenberg, 1991, p.17).

Seguindo o mesmo caminho das teorias científicas do início do século XX, a medicina social atestava a inferioridade feminina, assim como sua fragilidade e debilidade moral. Segundo Soihet (1989), a abstinência sexual feminina e a transferência desses impulsos para a maternidade, devido às exigências da medicina social, possibilitaram a construção do mito da mulher desprovida de sexualidade. Assim, as mulheres cuja sexualidade não era posta para gerar filhos, tais quais as prostitutas, eram vistas como sinônimo de desordem, vício, degradação e doença.

O discurso religioso, por sua vez, associava o sexo à queda, ao pecado original. A única forma de redenção seria através do sexo dentro do casamento com vistas à

procriação. O saber médico redimensionou os aspectos da moral cristã, sem, no entanto, negá-los. É dessa forma que o discurso médico do século XIX legitima a sensação do prazer, desde que restrito ao casamento. Assim, os dois discursos, apesar de aproximarem no que tange ao casamento como espaço privilegiado para a prática sexual, se afastam no que diz respeito à possibilidade de sensação de prazer, visto que o discurso religioso situa o prazer no campo do pecado e relaciona o desejo à marca originária da natureza decaída.

A relação sexual realizada para a simples satisfação do prazer, sem nenhum fim reprodutor, era visto pelo médico como perversão, sintoma do organismo doente e foco da degeneração física.

É neste contexto de repressão sexual feminina que se constrói a imagem da prostituta em oposição ao papel da mulher “honesta”, esposa e mãe de família.

Embora indesejada e caracterizada negativamente, a prostituição era vista como “um mal necessário” para a própria manutenção do ideal mulher honrada-mãe- esposa e para a conservação moral das famílias. Diante das necessidades sexuais fisiologicamente geradas no homem e que não podem ser reprimidas, a prostituição serviria como uma válvula de escape para a liberação das tensões sexuais do homem e para manutenção dos valores e padrões de comportamento, como a virgindade e fidelidade feminina.

Neste contexto, a prostituição apresenta uma clara funcionalidade: assegurar a honra das “mulheres de família” diante da incontrolável pulsão sexual masculina. A prostituta, então, era o corpo em que se extravasava esses impulsos, ao mesmo tempo que garantia a ordem social.

## 2.2

### **A sexualidade feminina hoje ou o pressuposto oculto (Becker, 1993)**

Giddens argumenta a respeito de uma transformação da intimidade, da qual as mulheres foram as grandes pioneiras. Esta transformação diz respeito “essencialmente a uma exploração das potencialidades do ‘relacionamento puro’, um relacionamento de igualdade sexual e emocional, explosivo em suas conotações em relação às formas

preexistentes do poder do sexo.” (Giddens, 1993, p.10). Dessa forma, a emergência da sexualidade liberta das necessidades de reprodução, a qual Giddens chama de sexualidade plástica, foi fundamental para a emancipação da mulher e sua reivindicação ao prazer sexual. A sexualidade plástica, então “pode ser caracterizada como um traço da personalidade e, desse modo, está intrinsecamente vinculada ao eu. Ao mesmo tempo, em princípio, liberta a sexualidade da regra do falo, da importância jactanciosa da experiência sexual masculina.” (Giddens, 1993, p.10).

Assim, a transformação da intimidade tem ecos e se relaciona diretamente, sem dúvida, à maior liberdade sexual feminina, ao esvaziamento da virgindade como um valor moral a ser perseguido, à reconfiguração dos ideais defendidos outrora pela família burguesa como a castidade pré-conjugal, a fidelidade, a exaltação da maternidade, ao modelo de mulher voltada para o lar, família e filho, frágil, casta e abnegada. Esse clima de liberdade sexual foi aquecido também, como sabemos, pelo movimento feminista e pelo surgimento da pílula anticoncepcional. No entanto, se tratando de Brasil e mais precisamente do Rio de Janeiro, será que podemos falar de uma sexualidade liberta das regras do falo? É possível observar uma homogeneidade emancipação sexual feminina?

No início desta pesquisa, me parecia óbvio (o porquê da utilização do verbo no pretérito ficará claro mais adiante), comparando o comportamento sexual feminino os quais as mulheres deveriam se modular no século passado com as novas formas de lidar com a sexualidade e corporeidade, que o Rio de Janeiro contemporâneo vivia um claro contexto de liberação sexual feminina. Ao mesmo tempo, os anúncios de oferta de serviços sexuais não diminuíram. Basta abrir um jornal ou visitar uma cabine telefônica que facilmente se encontrará um desses. Ao contrário, nos últimos anos houve uma enxurrada de livros, blogs, revistas, entrevistas, reportagens, redes sociais, entre tantos outros, que deram maior visibilidade às prostitutas e suas atividades. Ou seja, a prostituição permanece como um dos serviços mais requisitados pelos cariocas.

Tendo como pressuposto esse clima de liberdade sexual experimentado pelas mulheres cariocas, fui a campo com a seguinte questão: Por que em uma metrópole como o Rio de Janeiro contemporâneo, espaço conhecido e reconhecido como de liberdade sexual, muitos homens continuam a buscar o serviço das chamadas “mulheres públicas”?

Por consequência, me parecia claro, então, que a emergência dessa sexualidade plástica, liberta das necessidades de reprodução ressignificava a função da prostituta. Se ela sobrevive em um contexto de liberação sexual, no qual os binarismos “mulher para casar” X “mulher para transar” estariam diluídos, a funcionalidade da prostituta seria outra qualquer que não a de resguardar a honra das “mulheres de família”, garantindo a sua virgindade e assegurando, por conseguinte, a ordem. Qual seria então a função social da prostituta neste novo quadro? De fato, a prostituta desempenharia uma função na sociedade contemporânea?

Mesmo tendo consciência de que nenhum pressuposto é neutro, e como não poderia ser diferente, o por mim levado a campo também estava impregnado de idiossincrasias, da forma como vejo a sociedade e participo dela, da forma como eu e o grupo social do qual faço parte experimentamos a sexualidade, da forma como me coloco enquanto mulher e militante, foi somente no trabalho de campo que pude de fato perceber e assumir a necessidade do “reconhecimento das interferências subjetivas na observação dos fenômenos físicos e naturais. E assim reconhecer que na experiência etnográfica estamos a observar idiossincriticamente uma cena da qual fazemos parte” (Silva, 2009, p.179-180).

## 2.3

### Entrando em campo

Sem nunca ter realizado uma pesquisa etnográfica, e sem saber muito bem como fazê-la, fui a campo com muitas incertezas e poucas convicções. Destas, apenas o gravador, algumas perguntas e a clima de liberdade sexual do qual desfrutavam as mulheres.

Adotando como método de pesquisa a entrevista e aspirando entender a motivação que levava homens de diversas faixas etárias e classes sociais a pagarem pelo sexo com a prostituta, fui em busca dos meus informantes/clientes. Neste momento me deparei com uma questão que, até então, não havia surgido: Como chegar a esses informantes? Onde encontrar esses clientes? Encontrar clientes de prostitutas não seria tão fácil quanto encontrar clientes de metrô.

Neste sentido, contar com a ajuda de amigos foi fundamental. Foram eles que, num primeiro momento, responderam muito gentilmente às perguntas informais constantemente feitas, dando asas a minha imaginação e curiosidade. Alguns, ainda, me indicaram seus amigos, eles próprios clientes, para que eu pudesse efetivar minhas entrevistas formais. E assim a pesquisa começou a dar os seus primeiros passos. Os informantes que daí seguiram, em sua maioria, chegaram até mim por indicação dos primeiros. No entanto, em todo percurso contei com a contribuição generosa de amigos que serviram também como informantes formais. Fica claro, portanto, que sem eles a entrada no campo seria inviável.

Além da constatação de que posso contar com amigos especiais e benevolentes, a imprescindível ajuda deles aponta para outro dado importante: a reconfiguração de laços de amizade entre homens e mulheres no contemporâneo. Essa nova configuração nas relações de gênero permite que exista uma amizade entre homens e mulheres, mais ou menos extinta de interesses sexuais, que possibilita a um homem falar sobre sexualidade e intimidade com uma mulher, o que, certamente, seria mais difícil alguns anos atrás, dentro de um padrão rígido de comportamento.

Superada a dificuldade inicial de acesso aos informantes, não demorou muitos para que outras surgissem. Falo a respeito da efetivação do meu contato com os informantes; mais, das angústias que muitas vezes me acompanharam desde as ligações até o (não) encontro para a realização das entrevistas.

É preciso, sem dúvida, confessar que subestimei as dificuldades do campo. Uma vez que para a mim a dificuldade maior – acesso aos informantes – já havia sido ou estava em processo de superação, acreditei que o contato com os informantes, as respostas, o comportamento, a relação que sairia daquele encontro fluiriam na mais perfeita harmonia. Ingenuidade de principiante...

Esse foi, certamente, um dos momentos mais conturbados e perturbadores do trabalho de campo. Das ligações com a finalidade de marcar um encontro até a aplicação das perguntas, muita aflição, inquietude e ansiedade, mas também muitas evidências, fundamentais para se pensar o tema trabalhado.

Grosso modo, os informantes apresentaram reações diversas diante da pesquisa que podem ser definidas por dois comportamentos: intimidação e aproximação. Muitos chegavam para entrevista extremamente inseguros, intimidados, arredios, mostrando



desconforto em ter que responder a perguntas de que eles mesmos não sabiam o teor. O desconforto quanto à gravação da entrevista e o medo de ter sua identidade revelada apareceu em um dos casos. O temor do informante era de que alguém o identificasse pela sua voz ou por características pessoais, como profissão e bairro de residência. No entanto, após explicar minuciosamente que todas as entrevistas seriam transcritas e que não haveria nada que o identificasse, o informante aceitou prosseguir com a gravação. Este contratempo não pode ser tratado como um fato isolado, pois diz muito sobre o tema. O receio em ter a identidade revelada deixa claro como, mesmo para os homens solteiros que contratam serviços sexuais, não é moralmente aceitável pagar por sexo. Ou seja, houve uma suposição por parte do informante de que, de antemão, haveria uma condenação do seu comportamento por parte da sociedade.

Por outro lado, a maioria dos informantes se sentiu bastante à vontade com o gravador. Em alguns casos, os informantes chamavam atenção para a verificação do funcionamento correto do aparelho. Sem dúvida, para alguns informantes o gravador não só passava credibilidade quanto à pesquisa em desenvolvimento, como os fazia sentirem-se importantes enquanto entrevistados. Ou seja, ao terem suas vozes e depoimentos gravados, esses homens viam na entrevista uma forma de terem suas ideias registradas, contribuindo, assim, para um trabalho que, embora não entendessem muito bem a relevância, presumiam importante.

É importante destacar as frases que apareciam com recorrência no final das entrevistas -“ Já acabou?”, “É só isso?!”, “ Ah! Foi tranquilo! Achei que fosse pior.”-, bem como a sugestão em fazer a entrevista acompanhado de um amigo, pois demonstram a tensão dos informantes ao falarem sobre sua sexualidade com uma mulher desconhecida.

As sutilezas que os informantes deixam escapar; pronunciamentos que muitas vezes parecem ingênuos e despercebidos, distrações, cantadas, “furos”, o medo de falar, as usuais expressões “É só isso?” ou “Já acabou?” ou até mesmo a fala em demasia diz muito sobre esses homens e seu imaginário, ainda mais se tratando de um assunto tão delicado e nem sempre desvelado e pensado como a sexualidade. Não é à toa que muitos informantes, embora habituados ao sexo pago, nem sempre souberam responder por que se relacionavam com prostitutas. Nestes casos, quase sempre, a resposta toma a forma de um pensamento em voz alta: “Interessante. Eu nunca parei pra pensar esse tipo de coisa!” e denota a naturalização do ato sexual com prostitutas no meio masculino.

Todos esses detalhes evidenciam que, para os homens, falar da sua intimidade e sexualidade com uma mulher é uma prova, uma vez que a sociedade de dominação masculina não permite ao homem falhar, sobretudo diante de uma mulher. As frases de alívio denotam toda uma tensão e dificuldade que os homens têm de falar sobre esta prestação de serviços mais do que de qualquer outra, justamente porque nela envolve a sexualidade que como nos mostra Foucault, na modernidade, se tornou referência para uma definição de identidade. Ou seja, ela assume suma importância para os indivíduos na definição deles mesmos. As pessoas, nas sociedades modernas, utilizam o sexo como um meio para definir sua personalidade e seus gostos. É o meio pelo qual as pessoas buscam ser conscientes de si próprias.<sup>1</sup>

Neste mesmo sentido, afirma Heilborn (1999, p. 40 -41) quanto à sexualidade:

[...] refere-se à construção histórica, na modernidade, de uma dimensão interna aos sujeitos (Vance, 1995), profundamente imbricada num modelo particular de construção da pessoa, na qual interiorização e individualização são traços modeladores da subjetividade. Mais do que uma entidade universal, a sexualidade é uma unidade ficcional (Weeks, 1986, p.15), dependente de um determinado contexto cultural e historicamente instituída como um domínio portador de sentido em si mesmo (Foucault, 1977).

Houve, ainda, informantes que, embora se mostrando dispostos em contribuir com a pesquisa, insistiram em me ignorar, seja através de promessas de retorno de ligações que nunca ocorreram ou através de ligações que nunca foram atendidas. Outros ainda, aparentemente, me deram o número de telefone errado ou não compareceram à entrevista no dia marcado, me deixando frustradamente a ver navios.

Enquanto uns resignavam suas palavras, outros, por outro lado, desabafaram, conversaram sobre várias outras coisas, como se estivessem em uma sessão de terapia. Alguns informantes falaram demais, no sentido de falarem mais do que foi perguntado, extrapolando, assim, o tema. Neste sentido, alguns informantes se anteciparam em me dar uma gama de informações que sequer haviam sido solicitadas. Esse excesso de fala e segurança, contrapondo-se à ausência de timidez e constrangimento em falar da sua intimidade para uma pessoa que eles haviam acabado de conhecer, pode indicar, em contexto de interação homem e mulher, a vigilância desses homens em se mostrarem o

---

<sup>1</sup> FOUCAULT, Michel e SENNETT, Richard. Sexualidade e solidão. Disponível em <http://historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Sennett-Foucault-Sexualidade e Solidao.pdf>. Acesso em 05/04/2012.

tempo todo seguros e confiantes, de forma a cumprir uma expectativa não só do que eles entendem como atributos masculinos, mas também do que presumem ser esperado deles.

Por outro lado, o excesso do discurso aparece muitas vezes como uma forma de se justificar. Ou seja, depois das primeiras entrevistas, percebi que, em alguns casos, os informantes se sentiam obrigados a darem uma boa e convincente explicativa. Essa estratégia de defesa, que tem por finalidade se mostrar ao máximo convincente e resoluta na explicação, parece indicar que alguns informantes imaginavam que as perguntas carregavam uma condenação moral da minha parte, como se eu acreditasse não ser moralmente aceitável pagar por sexo. Daí, muitas vezes o incômodo da pergunta e a reação persuasiva dos informantes.

Não posso deixar de destacar, entretanto, a gentileza e solicitude da maioria dos informantes. De Tadeu (Agente dos Correios, universitário, solteiro, 22 anos) partiu uma iniciativa da qual não posso me esquecer. Ele fez questão de pegar o meu número de telefone sob a promessa de que me traria mais informantes. Neste caso, seus amigos do quartel. Dias depois recebi a ligação de Tadeu, me informando o melhor dia e horário para o encontro com o seu amigo, Gustavo (24 anos), militar. Outro dado bastante esclarecedor, pois evidencia o quanto as casas de prostituição fazem parte do universo masculino, sendo um espaço habitualmente freqüentado por homens em grupo, o que, claramente, define esse ambiente como um importante espaço de sociabilidade.

Em relação aos que se mostraram mais solícitos na aproximação, em muitos casos ela não veio desacompanhada de uma clara intenção sexual. A utilização de elogios e vocativos carinhosos e íntimos, tais como “amor”, “gata”, foram recorrentes, não só durante a entrevista, mas, antes mesmo, enquanto os primeiros passos eram definidos por telefone.

Quando as conversas se davam em bares e bem acompanhadas por algumas cervejas, em certos casos, houve a verbalização da pretensão por um contato que excedia o que cabia à pesquisa. Em um dos casos, Álvaro<sup>2</sup>, de 54 anos, casado, Agente dos Correios e morador do Méier, - o mais bravateador de todos informantes e que mais apresentou orgulho em contar suas aventuras sexuais com várias prostitutas ao mesmo tempo, todas elas rodeadas de muitos amigos, dinheiro e bebida – deixou explícito, ao

---

<sup>2</sup> Os nomes utilizados neste trabalho são todos eles fictícios a fim de preservar a identidade dos informantes.

longo de toda a entrevista, por meio de elogios e olhares “sugestivos”, a sua intenção em acabar logo a entrevista para que, então, pudéssemos “conversar melhor” em um Motel. Parecia que o informante tinha a intenção de me deixar embriagada, pedindo uma bebida atrás da outra, e de me seduzir através da cortesia, fazendo questão em pagar o valor total da conta.

Situação parecida se deu na ocasião em que uma amiga e eu almoçávamos no Top Shopping, em Nova Iguaçu, quando um grupo de rapazes se dirigiu à mesa em que estávamos. Não demorou muito para que eu começasse, após um mínimo de aproximação, a fazer as perguntas que me interessavam. Eles se mostraram bastante solícitos em responder às questões e também em comprar cigarros e oferecer petiscos. Foi só verbalizar o meu desejo por um energético e um deles apareceu com um. E o mais curioso: um dos rapazes fazia questão de contar e recontar o maço de dinheiro que carregava no bolso, num claro propósito de se fazer visto por nós. E mais uma vez, a entrevista e toda essa cortesia teve um preço: o jogo de cintura para fugir das investidas dos rapazes.

Como disse anteriormente, esses dados/dificuldades falam muito sobre a pesquisa e suscitam muitas questões: O fato de ser mulher, ou seja, a diferença de gênero é um limitador para a abordagem do tema? É possível um discurso direto sobre sexo entre um homem e uma mulher? O que eles esperam de mim? Que imagens fazem de mim quando incito certas questões? Me associam ao tema?

Neste sentido, Hélio Silva (2009, p. 179) nos esclarece que

[...] o diálogo e a comunicação em geral ganham propriedades e dinâmicas distintas se ocorrem no âmbito doméstico, entre membros de uma família, em ambiente predominantemente masculino ou feminino, entre crianças, no trabalho, no lazer, na caça e na pescaria.

Há na experiência etnográfica um esforço de compartilhamento, mais ou menos exitoso em função das resistências que a presença do pesquisador suscite [...]

Ao longo do trabalho de campo, no entanto, essas dificuldades se apresentaram não mais como empecilhos, ao contrário, se mostraram reveladoras e foram dando unidade à pesquisa. Conforme o trabalho avançava, pude mergulhar intensamente no discurso e imaginário do grupo e observar determinadas similitudes que apareciam implicitamente na fala dos clientes.

Quero dizer com isso, como veremos adiante, que nenhum deles justificou o recrutamento de prostitutas a partir de uma necessidade. Inversamente, o discurso que fazia eco era o da opção racional. Entretanto, examinando a entrevista como um todo, e não apenas as perguntas referentes à motivação, vários elementos se entrecruzaram, dando coesão à problemática. Pude perceber que muitos homens procuram o relacionamento sexual com as prostitutas por terem certo obstáculo em se relacionar com as mulheres, seja por medo, timidez ou dificuldade de expressar suas vontades. A partir de tal constatação, as cantadas das quais fui alvo deixam de ser um fator isolado e passam a fazer parte desse universo.

A aproximação fácil de uma mulher, ainda que enquanto pesquisadora, falando abertamente sobre a sexualidade dos rapazes e interessada em sua intimidade, abriu canal para que esses homens, outrora embaraçados na arte da conquista, subvertissem sua timidez e se expressassem. Ou seja, naquele momento o meu acesso era, para tais homens, tão fácil quanto o de uma prostituta. Fica claro, portanto, a unidade que se apresenta entre a dificuldade na conquista, a busca pelo contato com prostitutas e as investidas à que fui submetida.

Há ainda que se ressaltar as limitações que dizem respeito à metodologia adotada. Ao trabalhar com entrevistas, trabalho também com narrativas e, dessa forma, com as imagens que os informantes querem passar para mim. Não há a possibilidade de realizar uma observação participante no quarto do cliente, o que, sem dúvida, constitui uma limitação para pesquisa, uma vez que os discursos não correspondem necessariamente à prática. Neste sentido, um maior aprofundamento do tema exigiria, por mim ou qualquer pesquisador que se pretenda interessado, o contorno do problema em questão.

Assim, como citado anteriormente, há que se levar em conta a influência que a minha presença e observação causa nos discursos e nos padrões de resposta. Trazendo à lembrança, uma vez mais, Hélió Silva (2009, p.180) nos mostra que a situação etnográfica

Não se trata apenas de uma observação que altera o objeto observado, mas de uma alteração produzida pela participação do observador na cena que ele mesmo observa. Todo etnógrafo só pode estar em uma cena alterada pela sua presença. O significado da cena exige não apenas um reconhecimento do caráter subjetivo da observação, mas sobretudo a capacidade de ter uma noção objetiva de sua própria presença.

Algumas questões, dessa forma, não podem deixar de ser delimitadas e levantadas. Se faz necessário, de alguma forma, identificar porque estes homens, muitos os quais eu não conheço, estão me oferecendo suas respostas: O que esperam de mim? O que vêem em mim? O que esperam da pesquisa? O que esperam que eu ouça? Suas respostas são dadas com base no que quero ouvir, com a finalidade de ajudar na pesquisa? Suas narrativas são construídas com base em alguma intencionalidade de me impressionar enquanto mulher?

A análise não pode, portanto, se limitar ao que é ouvido, às falas, aos discursos. É necessário, de igual modo, utilizar todos os sentidos. É necessário se atentar aos detalhes e às sutilezas:

Observar não é apenas olhar, é destacar um conjunto, algo especificamente prestando atenção em suas características. Observar um “fenômeno social”, significa, em primeiro lugar, que determinado evento social, simples ou complexo, tenha sido abstratamente separado do seu contexto para que, em sua dimensão singular, seja estudado em seus atos, suas atividades, seus significados e suas relações. Individualizam-se ou agrupam-se os fenômenos dentro de uma realidade que é indivisível, essencialmente para descobrir seus aspectos aparentiais e mais profundos, até captar, se for possível sua essência numa perspectiva específica e ampla, ao mesmo tempo de contradições, dinamismos de relações. (Negrão e Constantino, 2011, p.96)

Levando em conta as limitações inerentes ao próprio trabalho de campo, tentei ao máximo inserir a fala dos informantes dentro de um contexto de trajetória de vida, corte de classe e etário e circulação pelo território de forma a respaldar e dar maior inteligibilidade a esses discursos. Esse critério é uma tentativa de não apenas deixar os informantes falarem por eles mesmos, destacando o lugar de fala de cada um, como também de minimizar os efeitos da minha subjetividade sobre essas falas, ainda mais se tratando de um campo tão complexo quanto este que discute sexualidade, intimidade, diferenciações de gênero etc.

Ao longo do trabalho de campo, buscando compreender o porquê da procura pelo serviço sexual de prostitutas, nas falas e discursos, que vieram à tona instigadas pelas perguntas, pôde-se evidenciar a construção de um padrão de masculinidade que tem relação direta com a relação cliente-prostituta, sobre o qual falaremos melhor na próxima seção.

Apesar de saber que muitas respostas são manipuladas por seus portadores, no sentido de não corresponderem às suas práticas, acredito ser possível resgatar e desenhar, a partir destas narrativas, feixes do real e, assim, lançar luz sobre o imaginário

masculino, suas inquietações, fantasias, desejos, opções e expectativas no contato com a prostituta e, dessa forma, traçar alguns aspectos do que é ser homem para esse grupo.

Ao aceitar a proposição sociológica de que as declarações e descrições que um indivíduo faz sobre um acontecimento são produzidas a partir de uma perspectiva a qual é função de sua posição no grupo, o observador pode interpretar tais declarações e descrições como indicações da perspectiva do indivíduo sobre o ponto em questão. (Becker, 1993, p.53)